

RESUMO ADAPTADO

Maria Carmen Euler Torres

PATTO, Maria Helena de S. Raízes históricas das concepções sobre o fracasso escolar: o triunfo de uma classe e sua visão de mundo. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

O que seria *submissão*? E *rebeldia*?

Do que você acha que o texto irá tratar?

FRACASSO ESCOLAR

O termo surge a partir de uma visão de mundo própria da classe dominante que se utiliza de conceitos e verdades e exclui outras. As referências ‘verdadeiras’ acabam por excluir aqueles que se apresentam de modo diferente.

Qual a origem histórica das ideias sobre a pobreza e sobre a dificuldade de escolarizar-se?

O texto pretende elaborar um quadro de referências históricas e sociológicas para refletirmos sobre as concepções dominantes sobre o fracasso escolar numa sociedade de classes.

A ERA DAS REVOLUÇÕES E A ERA DO CAPITAL

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E FRANCESA (século XVIII) - Mudanças econômicas/políticas/ideológicas na sociedade. Mudanças no regime político, trocas de classes dominantes e exploradas, zona rural perde importância e a zona urbana se torna o centro; processo de industrialização ganha força; surgem a burguesia liberal e os Estados Nacionais.

Inicialmente, na revolução francesa o ‘inimigo’ eram os reis e o sistema da monarquia. Por isso, tanto os burgueses (que começavam a surgir) como os trabalhadores dos campos, se uniram na luta contra a monarquia. Porém, com o tempo, a divisão social do trabalho passou a se expressar pela oposição entre burguesia (Capitalistas) e proletariado (trabalhadores).

SÉCULO XIX- industrialização, urbanização e migração. Cidades superpovoadas, sem infraestrutura, periferias lotadas de miseráveis. Sociedade burguesa em destaque e trabalhador/ operário sofrendo com a miséria e segregado da sociedade (sem os direitos garantidos). Crença em uma sociedade igualitária, porém com um **ABISMO** entre operariado e burguesia. As **CIÊNCIAS HUMANAS**, em ascensão, vão tentar explicar esse abismo. O **CIDADÃO IDEAL** é o racional e ativo. Neste momento já começa a surgir a ideia de **MÉRITO**, uma vez que, ocupar um lugar privilegiado na sociedade não dependia mais de uma condição de nascimento.

VISÃO DE MUNDO – SUCESSO DEPENDE DO INDIVÍDUO. Falsa ideia de igualdade, liberdade e fraternidade. Nem todos têm as mesmas oportunidades.



Antes da necessidade de uma escolarização que capacitasse os operários houve uma imposição de atitudes compatíveis com a nova maneira de produzir, impondo uma disciplina rígida e meios desumanos de trabalho.

A burguesia triunfou às custas do sacrifício das classes trabalhadoras que produziam sua miséria e o enriquecimento dos empresários.

O século XIX caracteriza-se por uma contradição básica: neste período a sociedade burguesa atinge seu apogeu, segrega cada vez mais o trabalhador braçal e se torna inflexível na admissão dos que vem de baixo. No nível político e cultural, mantém-se viva a crença na possibilidade de uma sociedade igualitária num mundo onde, na verdade, a polarização social é cada vez mais radical. Entre as pequenas conquistas de uma minotia do operariado e a acumulação de riqueza da alta burguesia cavara-se um abismo, que saltava aos olhos . *Justificá-lo será a tarefa das ciências humanas que nascem e se oficializam neste período.*” (p.41)

A visão de mundo da burguesia era marcada pela crença no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza.

CIDADÃO IDEAL = racional, ativo. Homem branco e heterossexual.

Os sujeitos bem sucedidos dependiam de mérito pessoal; o sucesso dependia fundamentalmente do indivíduo. Liberdade, igualdade e fraternidade seriam somente para a garantia de que os privilégios não fossem só para os nobres, mas para a burguesia crescente. Para os pobres havia poucas oportunidades. Se havia um ‘suposto’ ponto de partida igual para todos, os competidores nunca terminariam juntos a corrida.

As classes operárias não tinham acesso à escola. A fábrica era a escola dos trabalhadores na época da consolidação do capitalismo. Porque eles aprendiam as tarefas braçais durante o serviço. Só pelos anos de 1870 que o sistema nacional de ensino começou a incluir as classes pobres.

SISTEMAS DE ENSINO

ESCOLA TRADICIONAL surge como o intuito de impor a ideia de uniformidade nacional. Ou seja, dar um status de nação à população dos países. A escola também nasceu com a função principal de preparar funcionários de médio e baixo escalão para os postos de trabalho que surgiam. Depois da 1ª guerra, a escola é colocada em questão uma vez que seu poder de transformação da opressão e da ignorância para a harmonia e conhecimento se vê abalado pela tirania e desigualdade. A crise da escola tradicional,

fez com que se repensassem as teorias pedagógicas, que promovessem espiritualmente o ser humano, tornando-o também mais ativo.

ESCOLA NOVA vem para dar uma alternativa a educação da época e propor uma escola ativa – **INFLUÊNCIA DOS SABERES PSICOLÓGICOS** de construção do conhecimento por parte da criança, participação na aprendizagem, etc. Porém, tudo isso com intenção de desenvolvimento das habilidades individuais, do mérito de cada um. **A PSICOLOGIA CIENTÍFICA** representa a mensuração das diferenças individuais. A Psicologia surge para respaldar teorias racistas pautadas em explicações científicas.

TEORIAS RACISTAS

Mais ou menos de 1850 a 1930 as teorias racistas chegam com força ao Brasil. Mas, o que seriam essas teorias?

A escola se configura como meio de ascensão social em uma sociedade injusta onde as oportunidades não são iguais para todos. Por isso, a escola passa a ser desejada pelas classes trabalhadoras como forma de encontrar caminhos socialmente aceitos para sair da miséria.

A escolarização pode fazer parte de uma luta individual (família) ou coletiva (através das organizações de trabalhadores) No fim do século XIX e começo do XX as pressões populares por educação desempenham um papel importante na expansão da rede escolar.

Nessa sociedade capitalista as **DESIGUALDADES SOCIAIS** se traduzem em **DESIGUALDADES RACIAIS, PESSOAIS OU CULTURAIS**. Tradução esta feita por intelectuais – filósofos, médicos, biólogos e **PSICÓLOGOS**. Isso significa dizer que as desigualdades sociais ficam mascaradas, não são levadas em conta e, em seu lugar surgem as explicações de ordem individual.

O Brasil, com forte influência francesa nesta época (séculos XVIII e XIX) acolhe e propaga também as teorias racistas sobre as diferenças individuais e as utiliza como explicação para o fracasso escolar.

Cabanis (1757-1808) traz a ideia da **teoria poligenista**, segundo a qual a origem das espécies é múltipla e, por isso, existem raças distintas e psiquicamente desiguais.



Pierre-Jean-Georges Cabanis (1755-1808) foi um médico e filósofo francês. Defendeu teses de que existem raças psicologicamente desiguais. Contra o cristianismo que acreditava na origem única do sujeito, criado à imagem e semelhança de Deus.

Saint-Simon (1760-1825) se coloca contra a igualdade afirmando que os negros não teriam condições fisiológicas de aprender como o branco europeu.

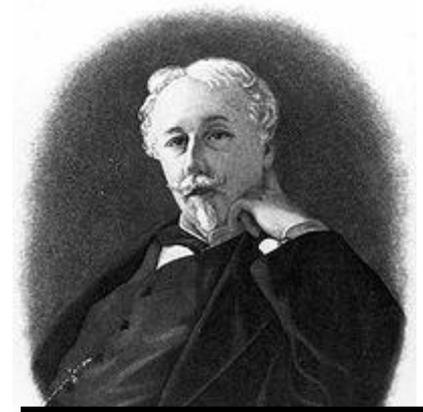
Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, (Paris, 17 de outubro de 1760 — Paris, 19 de maio de 1825), foi um filósofo e economista francês. Acreditava na desigualdade inata das diferentes raças.



Essa ciência seria ao mesmo tempo ingênua e racista, por acreditar no princípio da desigualdade das raças. Datam desta época as primeiras tentativas de comprovação empírica das teses da inferioridade racial de pobres e não-brancos. Estudavam-se os crânios das pessoas de diferentes 'raças' para que fosse afirmada a superioridade branca. Criou-se uma confusão entre raças e classes, principalmente em países onde as classes pobres coincidiam com os não-brancos. Assim, diz Patto (p.55)

“ No marco das sociedades industriais capitalistas, o racismo, antes de ser uma ideologia para justificar a conquista de outros povos, foi muitas vezes uma forma de justificar as diferenças entre classes, principalmente nos países em que a linha divisória das classes sociais tende a coincidir com a linha divisória das raças, o que significa afirmar que ele serviu como ‘arma de luta de classes’.”

Isso quer dizer que, os homens brancos e ricos seriam, em essência, superiores aos demais o que justificava a própria dominação.



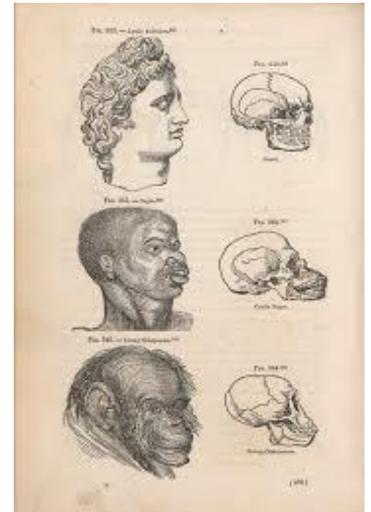
Joseph Arthur de Gobineau
(1816-1882)

RACISMO MILITANTE – referia-se à inferioridade racial de pobres e não-brancos. Medidas do crânio eram realizadas para que se configurasse como um critério de definição da superioridade branca.

Conde de Gobineau (1816-1882) – Influenciou muito o Brasil, pois mantinha contato próximo com D. Pedro II e foi seguido por outros intelectuais brasileiros.

ENSAIO SOBRE A DESIGUALDADE DAS RAÇAS HUMANAS: cientificismo ingênuo, sem argumentos plausíveis, porque não comprovava nada do que dizia. “ A raça superior é a ariana, da qual o ramo ilustre é o dos teutos – a que pertencia , naturalmente , a nobreza francesa – enquanto os servos seriam da raça galo-romana.” Essa explicação só afirma uma suposta superioridade de quem cria a própria teoria, atendendo a sua própria conveniência.

Ele falava das consequências desastrosas da mestiçagem, pois a mistura de sangue branco com outras “raças impuras”, provocariam a degeneração da raça branca.



É deste contexto sócio cultural ideológico que surgem as **CIÊNCIAS HUMANAS:** Psicologia, Antropologia, que determinam a visão de mundo dominante.

Entre as ciências que na era do capital participavam do ilusionismo que escondeu as desigualdades sociais, historicamente determinadas, sob o véu de supostas desigualdades pessoais biologicamente determinadas, a PSICOLOGIA certamente ocupou posição de destaque. (p.60)

Eugenia é um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), significando "bem nascido". Galton definiu eugenia como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente".

É o controle e direção da evolução humana.

Quer dizer: É possível melhorar as pessoas biologicamente.

As ciências humanas que surgiam se pautaram em pressupostos ETNOCÊNTRICOS – que quer dizer que uma cultura seria o centro e as demais seriam consideradas inferiores. No caso, a cultura branca seria a superior e as demais, inferiores. E o pior, TUDO BASEADO EM TEORIAS CIENTÍFICAS!!!!

A PSICOLOGIA não poderia estar de fora. Ela, que nasceu nos laboratórios de fisiologia experimental começou a desempenhar seu principal papel: descobrir os mais aptos e os menos aptos para a trilhar a carreira ‘aberta ao talento’.

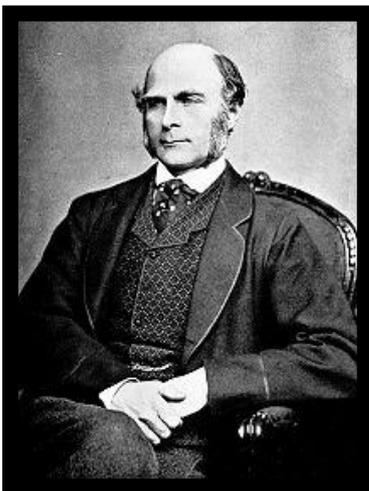
PSICOLOGIA DIFERENCIAL

Investiga de forma quantitativa e objetivamente as diferenças existentes entre indivíduos e grupos.

FRANCIS GALTON (1822-1911) : fundador da eugenia, procurou apresentá-la como a ciência que forneceria as bases teóricas para não só compreender os mecanismos da transmissão dos caracteres entre as gerações, como também contribuir positivamente para a **melhora das características do conjunto populacional**. Ou seja, acreditava que

poderia modificar as pessoas biologicamente pela manipulação genética, escolhendo indivíduos para ‘cruzamentos’ que visavam a melhoria da espécie.

Galton trabalhava com a Biologia, Estatística, a Psicologia experimental e os testes psicológicos e seu objetivo maior era **MEDIR A CAPACIDADE INTELECTUAL** da pessoa e comprovar sua **DETERMINAÇÃO HEREDITÁRIA**. Ele acreditava que as **aptidões naturais são herdadas geneticamente**. Ex: A genialidade é herdada. Independente da etnia, ele acreditava



que deveria promover os mais aptos. Galton foi o primeiro a utilizar os testes psicológicos. Os psicólogos e pedagogos da ESCOLA NOVA tinham a real convicção de que poderiam promover socialmente os mais aptos independentes de sua etnia e origem social.

“Numa ordem social em que o acesso aos bens materiais e culturais não é o mesmo para todos, o ‘talento’ é muito menos uma questão de aptidão natural do que de dinheiro e prestígio (...)isso resulta em uma grande mal entendido: acreditar que é natural o que na verdade é **socialmente produzido**” (p.63)

COMO DIAGNOSTICAR AS APTIDÕES DOS ESCOLARES?

Como explicar as diferenças de rendimento da clientela escolar? Como justificar o acesso desigual aos graus escolares mais avançados? Isso não poderia ser explicado ferindo a ideia de **MÉRITO PESSOAL**, que, segundo a ideologia liberal é o único critério legítimo de seleção educacional e social. Então, quais seriam as origens das dificuldades de aprendizagem?

- 1) **Visão biológica e médica:** organicista (relativa a organismo, ao biológico). Voltada para a ideia das aptidões humanas, da genética.
- 2) **Visão da psicologia e da pedagogia:** voltada para a ideia das influências do meio.

A medicina foi a ciência que começou a se encarregar das crianças com dificuldades de aprendizagem. No início do século XX, houve a aplicação de muitos testes, pois se buscava a classificação dos alunos em superdotados ou com baixa intelectualidade para encaminhamento às escolas corretas. **CLASSIFICAÇÃO/TESTES/ ANORMAIS/ ALUNO-PADRÃO.**

Em 1914 em um congresso na França os ‘anormais infantis’ foram definidos como aqueles que, *“sob a influência de taras mórbidas hereditárias ou adquiridas, apresentam defeitos constitucionais de ordem intelectual, caracterial ou moral, associados no mais das vezes a defeitos corporais e capazes de diminuir o poder de adaptação ao meio no qual eles devem viver regularmente.”*(p.65)

As influências da medicina na educação apontam para os que são diferentes como sendo classificados como **ANORMAIS**. Eram utilizados instrumentos de avaliação das aptidões. Muitos pesquisadores (até os anos 1930) se dedicaram aos

estudos da mensuração de aptidões querendo não fazer uma associação de respostas à origem social do sujeito ou à herança genética.

As tentativas eram de medir os mais aptos e, de certa forma, isso ia contra os pressupostos racistas anteriores. Ou seja, os mais aptos não seriam necessariamente os mais ricos nem os de raça branca, mas qualquer um que fosse identificado como tal, a partir de testes. A autora chama esses intelectuais de **HUMANISTAS EQUIVOCADOS**, porque acreditavam na justiça mesmo sem questionar a ordem social injusta.

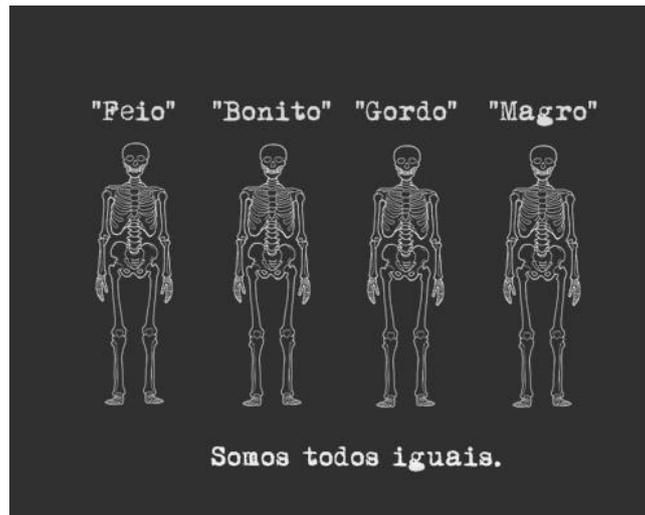
SEC. XX (ANOS 30): Com as influências da Psicanálise, o ambiente e as relações afetivas estabelecidas entre as crianças e sua família passaram a trazer para as crianças “anormais” a ideia de **CRIANÇA-PROBLEMA**. Ou seja, as crianças que antes estavam ‘apenas’ fora do padrão de normalidade passaram a ser consideradas como crianças com problemas afetivos.

Neste momento a tendência passa a ser a de acreditar que ‘os problemas de aprendizagem’ teriam causas **AMBIENTAIS**, ou seja, causas originadas nas relações estabelecidas com as crianças, do meio familiar e sócio cultural e não mais em seu aparato biológico. A explicação vai deixando de ser **RACIAL** e passa a ser **CULTURAL**.

O problema agora teria causas no ambiente, por isso deveria ser estabelecido nas escolas, um trabalho de **HIGIENE MENTAL**, além da criação das clínicas de hábitos para crianças com distúrbios de aprendizagem. No entender da autora, essas clínicas eram verdadeiras **FÁBRICAS DE RÓTULOS**.

Você já ouviu falar em ‘rotular as crianças’?

O que você entende por FÁBRICA DE RÓTULOS? Observe as imagens e reflita...



A **Psicologia diferencial** assimilou conhecimentos da antropologia cultural e valeu-se deles para explicar o menor rendimento obtido pelos grupos e classes sociais mais pobres na escola e nos instrumentos de medida das capacidades psíquicas. Deu-se um passo quando o conceito de **raça** foi substituído pelo de **cultura** como elemento explicativo das desigualdades sociais. Porém é preciso ficarmos atentos às armadilhas da **ideologia**...

**GRUPOS HUMANOS E CLASSES SOCIAIS SÃO MUITAS VEZES
CONSIDERADOS 'PRIMITIVOS', 'RUDES', 'ATRASADOS' POR NÃO
PARTICIPAREM DA CULTURA DOMINANTE.**

Passou-se da ideia de **raças inferiores para a ideia de culturas inferiores**.
“Grupos familiares patológicos e ambientes sociais atrasados que produzem crianças desajustadas e problemáticas.

QUEM SERÁ EDUCADO?

MÉRITO: Aquilo que faz com que uma pessoa seja digna de elogio, de recompensa; merecimento.

MERITOCRACIA: relativo a mérito.

TEORIA DA CARÊNCIA CULTURAL (Anos 70) Essa teoria vem dos Estados Unidos e se baseou em pesquisas que se voltaram para a falsa ideia de **IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**. Elas diziam que as possibilidades reais de ascensão social são desiguais e que as desigualdades sociais são inevitáveis e tem base nas desigualdades pessoais. A **justiça social** – e não a igualdade , pois essa é impossível já que as pessoas não são todas iguais, **deve ser garantida por procedimentos e diagnósticos das capacidades e por uma escola que atenda às diversidades de aptidões.**

ESCOLA seria o remédio para o reestabelecimento da saúde social perdida. Ou seja, **a escola deveria recuperar as falhas da educação familiar da criança e suas “faltas” em sua cultura de origem.** Entretanto, também deveria apontar para o fato de que, nem todos irão se desenvolver e evoluir, porque uns podem ser aptos e outros não, mesmo que a escola favoreça seu desenvolvimento. A escola, neste período, deveria se encarregar também de criar uma nova mentalidade e levar os sujeitos à aceitação da “dura realidade dos fatos” de que:

- 1) Os homens não nascem iguais
- 2) Apenas poucos chegam ao topo da pirâmide e ocupa o alto da pirâmide quem realmente merece. (MERITOCRACIA)
- 3) A ascensão econômica está diminuindo
- 4) A solidariedade social de muitos deve corresponder à ascensão social de poucos. (poucos evoluem e os demais devem esperar a solidariedade de quem evoluiu)

Está contida aí a ideia de **MERITOCRACIA**, que diz que os que devem ocupar o topo da pirâmide são aqueles que merecem em função de suas qualidades individuais. Aos que ficam nas camadas sociais mais baixas deveria ser garantida apenas a satisfação de suas necessidades.

TEORIA DA CARÊNCIA CULTURAL: O PRECONCEITO DISFARÇADO?

Observem esta imagem. Você acha que esta criança tem, de fato, as mesmas oportunidades que uma criança de classe social mais alta para alcançar um futuro melhor? Que mensagem a frase e a imagem nos trazem?



As minorias raciais dos EUA reivindicaram na década de 60, igualdade de oportunidades e o acesso aos bens culturais. A resposta que veio pela educação foi a TEORIA DA CARÊNCIA CULTURAL. É uma teoria ambientalista fundamentada também em estereótipos e preconceitos que, com uma fachada científica, passou a orientar a política educacional.

Por essa perspectiva, a escola fazia o papel de oferecer aquilo que “faltava” às crianças de classes pobres para ‘recuperar’ suas ‘deficiências’ advindas de uma cultura ‘fraca’, que não favorece o seu desenvolvimento. Se a criança ainda assim fracassasse, seria porque teria, supostamente alguma deficiência individual, algum sério problema de aprendizagem.

O pobre passou a ser considerado fracassado, uma vez que seria portador de defeitos advindos de seu ambiente ‘deteriorado’ e ‘ruim’. Os pesquisadores desta linha ambientalista não se dão conta de que produzem os resultados esperados, ou seja, já vão ao campo com as hipóteses prontas. Também não percebem que a presença junto às famílias pesquisadas é inibidora ou estimuladora de respostas. Ou seja, a presença do pesquisador pode mascarar as respostas dos sujeitos pesquisados. O pobre se torna

culpado pelo seu fracasso e, mesmo com o projeto da Educação Compensatória, não há muitos resultados positivos, porque a clientela, já seria de antemão considerada fracassada.

Dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossível através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar. Mesmo assim, fazem renascer com estes programas, a esperança na justiça social, mais uma vez graças ao papel democratizante atribuído à escola compensatória que supostamente reverterá as diferenças ou deficiências culturais e psicológicas de que as classes 'menos favorecidas' seriam portadoras.(p.76)

A crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade. Às vezes, nem mesmo os pesquisadores munidos de um referencial teórico crítico estão livres dela. O resultado disso é um discurso incoerente que, em última instância, acaba reafirmando as deficiências da clientela como a principal causa do fracasso escolar.

As diferenças de qualidade de vida entre as classes sempre foram justificadas através de explicações geradas pelos que, em cada ordem social, são considerados competentes para elaborar uma interpretação legítima do mundo. As interpretações consideradas verdadeiras ocultam as divisões sociais, as divisões de classes o que vem a afirmar sua condição ideológica.

Mais tarde a culpa pelo fracasso passou a ser da escola que seria inadequada para as "crianças carentes". Jamais se coloca em questão o sistema de ensino e as reproduções sociais realizadas pela escola.

RESUMINDO...

Patto buscou novos rumos para a Psicologia e a Educação. Fez uma pesquisa profunda e detalhada sobre o **FRACASSO ESCOLAR**. Teve o cuidado de não associar o fracasso a problemas ou deficiências próprias das pessoas ou como uma falha das famílias ou do ambiente e da cultura onde vivem. Ela olhou para o fracasso como uma **PRODUÇÃO SÓCIA HISTÓRICA, ligada a valores e crenças da sociedade liberal capitalista em que vivemos**. Isso quer dizer que precisamos fazer uma análise mais ampla do que seria o fracasso escolar. Devemos entendê-lo como um fato que ocorre com os estudantes, mas que não pertence a eles (não nasceu com eles, não é culpa deles ou da família, ou da sua “cultura errada”). Mas que se explica por uma série questões econômicas, políticas, culturais e de poder que produzem esse fracasso. Não se questionam as desigualdades no acesso e as condições desiguais e injustas para as crianças pobres.

A Psicologia, segundo Patto, tem reforçado, de modo equivocado, o entendimento de que o fracasso escolar encontra explicação na ciência, que com seus próprios critérios de verdade reproduzem o preconceito e a desigualdade.

De outro modo, devemos analisar o tema como um processo psicossocial e entender que o psicólogo escolar deve se colocar no lugar de um pesquisador que desenvolve um olhar sensível e crítico. Isso leva o profissional a olhar a realidade educacional como complexa, na qual muitas questões estão envolvidas.

Devemos olhar para a Educação brasileira como contendo uma realidade para escola privada e outra para a pública, o que amplia as desigualdades. Entender que nossa sociedade é excludente e favorece a ideia da meritocracia. Enfim, que temos uma história que torna a escola do pobre como aquela que sofre com o desamparo do poder público e carece dos recursos básicos para atender a suas crianças. E a escola dos ricos como bem equipadas e preparadas para formar a classe dominante.

Com isso, desviamos o olhar acusatório e culpabilizante do sujeito e passamos a olhar para todos os fatores que produziram o “mau aluno” ou os “problemas de aprendizagem”